



O ônibus do Rei é daqui

CAROLINA KLÓSS

Engana-se quem pensa que a única ligação de Roberto Carlos com Caxias do Sul é a proximidade com seu empresário e amigo Dody Sirena, natural da cidade, e os seus milhares de fãs. Desde 1998, o Rei é dono de um ônibus produzido pela empresa caxiense Marcopolo com o qual roda por todos os cantos do Brasil. Feito sob medida, o veículo demorou dois anos para ficar pronto e foi planejado sob supervisão rigorosa do cantor.

– Ele escolheu tudo, nos mínimos detalhes. Durante todo o tempo em que foi produzido, Roberto veio várias vezes a Caxias para conferir se tudo estava saindo de acordo com a sua vontade. Ele fez questão de planejar tudo, da cor do estofamento dos bancos até a disposição dos móveis e bancos – explica Paulo Corso, diretor comercial da Marcopolo, que acompanhou todo o processo ao lado do Rei.

Roberto Carlos não permitiu que o ônibus fosse fotografado por dentro, e o contrato entre as partes não permite que certos detalhes sejam divulgados. Por isso, só linhas gerais do projeto são divulgadas pela empresa:

– Não tem como olhar para aquele ônibus e dizer que não é do Roberto Carlos. Tudo lembra ele. Por dentro, é todo azul e branco. Por fora, também é azul, mas de um tom que ele escolheu. Tem um andar e é extremamente aconchegante, com dormitório e cozinha completa. É excelente para viagens longas.

Ao contrário de outros clientes famosos que também adquiriram os ônibus da Marcopolo, como Chitãozinho & Xororó, Gustavo Lima e Paula Fernandes, o Rei não comprou o veículo para levar integrantes de sua banda e equipe. Ao menos, essa é a dedução do executivo.

– É uma casa sobre rodas, mas uma casa para um casal, para amigos próximos. A Maria Rita (*última mulher do Rei, morta em 1999*) também opinou bastante enquanto ele estava sendo produzido.



RONI RIGON

Corso, da Marcopolo, acompanhou os detalhes da produção do veículo do Rei

Deve ser por isso também que ele não se desfaz desse ônibus e nunca quis trocá-lo por outro mais moderno. Há um tempo, propomos que ele trocasse, mas ele negou – destaca Corso.

O diretor comercial não lembra com exatidão quanto custou o carro, mas diz que certamente não foi vendido por menos de R\$ 2 milhões – um veículo “normal”, com a mesma potência, custa a metade do valor.

Todo o conforto desejado gerou vários encontros entre o cantor e a equipe da empresa caxiense. André Oliveira, do marketing, lembra que a última vez em que o Rei esteve na fábrica foi depois de um show, em 1997.

– Ele passou boa parte da madrugada aqui. Quis comer massa e tivemos que encomendar de um

restaurante naquela hora. Ele comeu na mesa de reuniões mesmo. Roberto é um cara muito simples. Foi simpático em todas as vezes que esteve aqui – lembra.

O jeito detalhista e as superstições foram o que mais chamaram a atenção de Corso, que se encontrou inúmeras vezes com o Rei:

– Antes de cada encontro, a produção dele pediu para que evitássemos roupas pretas e marrons. Um dia, dentro do ônibus, ele pediu para que eu saísse pela mesma porta que eu tinha entrado. Um pouco antes deles levarem o veículo, tivemos de chamar um padre para benzer o ônibus, a pedido do cantor. Ele não leva o título de Rei por nada. Ele é sensacional.